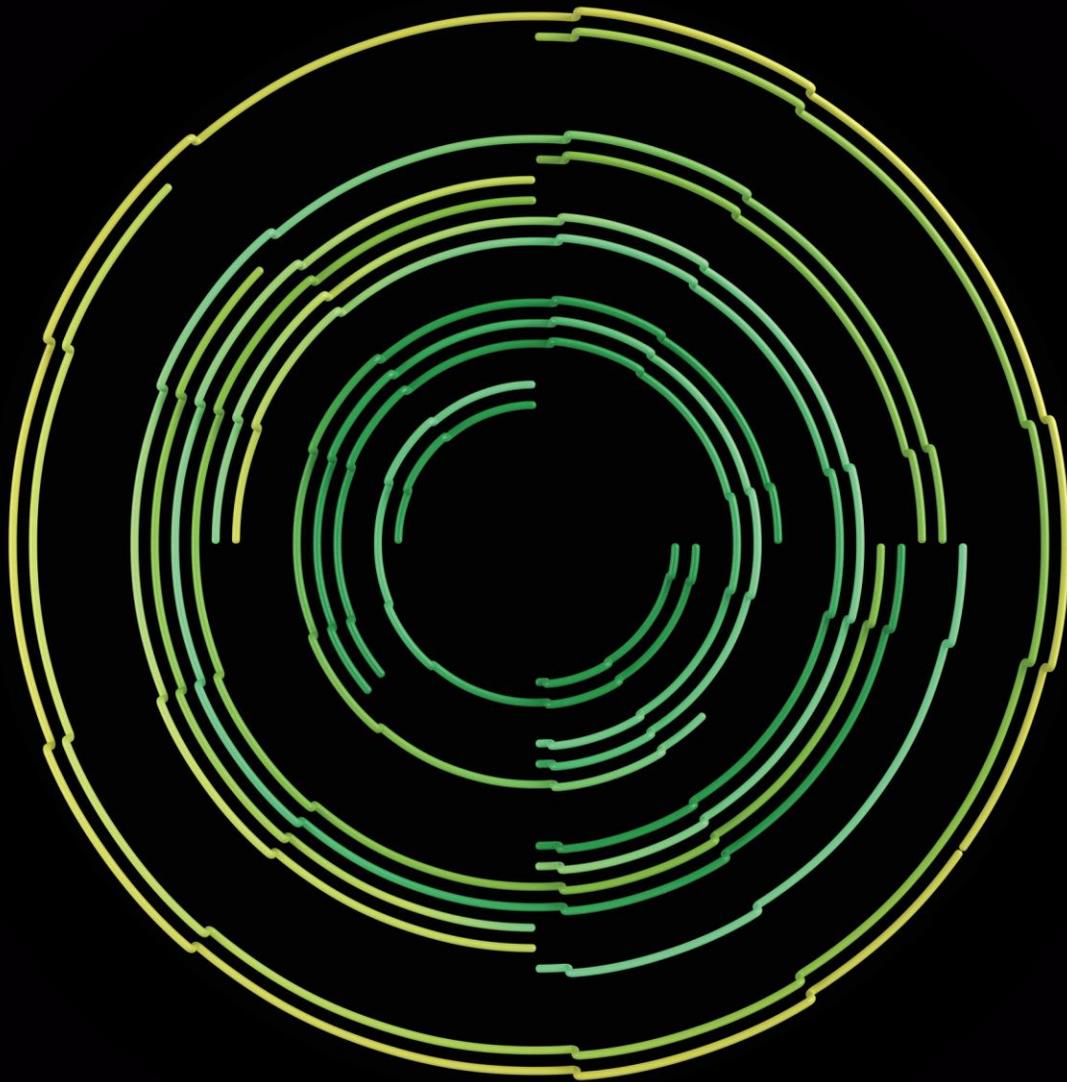


**Deloitte.**



**Fraud Survey Portugal 2019**  
Clear and focused attention

Forensic ●

# Prefácio



**José Miguel Júdice**

Árbitro Internacional e Professor  
Universitário

O capitalismo na sua matriz inicial foi uma verdadeira revolução, como em regra são sobretudo as que não têm data marcada. O que se compreende facilmente se tivermos presente que as mudanças sociais que se impregnam de forma durável são as que têm efeitos políticos apenas depois de fazerem o seu caminho nas sociedades civis.

Um dos elementos essenciais dessa viragem histórica – a que devemos o enorme progresso nos últimos séculos da Humanidade e nela da hominidade – foi uma visão ética que tinha de ser a fundamentação de um sistema que assumia as desigualdades como a mesma força com que desejava a liberdade.

Não é por isso uma mera coincidência que a expansão do capitalismo se tenha feito de início sobretudo em sociedades que encontraram no calvinismo e em outras expressões de religiosidade “protestante” o seu cimento coletivo. A ligação direta a Deus, com a autoexigência que a destruição da mediação clerical do catolicismo impunha, foi um peso de exigência e uma libertação; a santificação a ser alcançada pelos combates do dia-a-dia e pelas “boas obras” um motor para a vida; a “graça” divina a ser reconhecida pelos resultados obtidos na vida terrena uma justificação da “predestinação”. E tudo se conjurou no mesmo evidente sentido, a que mais tarde Max Weber de uma forma que se diria definitiva deu o lastro científico, com a sua seminal obra, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”.

Vem isto a propósito deste importante “Fraud Survey” a que em boa hora a Deloitte lançou mãos, com isso respeitando e concretizando o paradigma ético a que aludi atrás. O capitalismo sobreviveu a desafios que a muitos pareceriam insuperáveis, o menor dos quais não foi por certo o programa radicalmente alternativo do comunismo.

Mas pode não sobreviver aos seus inimigos internos que resultam de degenerescência do seu corpus, a um modo que me recorda a etiologia do desenvolvimento dos cancros. A Fraude é uma doença. Não é a única e não é apenas do capitalismo, como é evidente. Mas como nenhum sistema social exige tanta

eticidade como o capitalismo, nenhum outro no nosso tempo pode sofrer tanto se deixar morrer os anticorpos protetores ou se não for capaz de os inocular de um modo que mantenha as resistências internas despertas e ativas. O capitalismo pode morrer por podridão orgânica. Como não sabemos que seja melhor o que se lhe siga, todo o esforço é pouco nessa luta, que reconheço ter de ser prometeica, mas espero que não seja como a condenação de Sísifo.

Um “survey” é um retrato de uma realidade num dado momento, com a ambição de revelar o que o antecede e perceber uma evolução. Se for bem feito (o que não é fácil, mas a Deloitte sabe fazê-los) ajuda a conhecer a realidade de uma modo que permite implementar linhas de ação. E, como era de esperar, o “Deloitte Fraud Survey” traz boas e más notícias.

Começando pelas últimas, o estudo revela que a “fraude” é em Portugal um doença em expansão, e já com características de cronicidade que obrigam a olhar a questão como um tema de “saúde moral”.

Mas também revela – e aí a luz clara do otimismo – uma acentuada perceção social dos seus malefícios e um – talvez ainda incipiente – esforço que se antecipa crescente para lutar contra ela, através de um arsenal de meios preventivos, pelo investimento numa cultura que não tolere a fraude, pela aceitação da implementação de soluções reativas, se e quando as proteções existentes

não consigam evitar ou destruir de imediato os comportamentos fraudulentos.

A fraude pode ser feita contra a empresa e todos dirão que é inaceitável. Mas alguns gostam de se iludir com a fantasia de que a fraude pode ter de ser inevitável e que em certas situações é favorável ao empresário que com ela pactua ou que a pratica como modo de vida ou comportamento desviante ocasional. Nenhum survey feito sobre comportamentos humanos é capaz de detetar os que a denunciam quando sabem que os prejudicam, mas a calam quando pensam dela beneficiar.

Seguramente que entre os que responderam alguns vivem esta esquizofrenia moral que o povo imortalizou há séculos na frase “bem prega Frei Tomás, faz o que ele diz, e não o que ele faz”. E, dirão outros, “a hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude”. Será; mas isso apenas obriga a concluir que a rocha sisifiana tem de continuar a ser rodada pela montanha acima, sempre em nós existindo a dúvida sobre o fracasso inevitável e a esperança da redenção possível.

Seja como for, temos de continuar a lutar pela ética do e no capitalismo. E este Survey é uma espécie de bálsamo para momentos de desânimo.

Lisboa, 27 de outubro de 2019

# Deloitte.

"Deloitte" refere-se a uma ou mais firmas membro e respetivas entidades relacionadas da rede global da Deloitte Touche Tohmatsu Limited ("DTTL"). A DTTL (também referida como "Deloitte Global") e cada uma das firmas membro são entidades legais separadas e independentes. A DTTL não presta serviços a clientes. Para mais informação aceda a [www.deloitte.com/pt/about](http://www.deloitte.com/pt/about).

A Deloitte é líder global na prestação de serviços de audit & assurance, consulting, financial advisory, risk advisory, tax e serviços relacionados. A nossa rede de firmas membro compreende mais de 150 países e territórios e presta serviços a quatro em cada cinco entidades listadas na Fortune Global 500®. Para conhecer o impacto positivo criado pelos aproximadamente 312.000 profissionais da Deloitte aceda a [www.deloitte.com](http://www.deloitte.com).

Esta comunicação contém apenas informação de carácter geral, pelo que não constitui aconselhamento ou prestação de serviços profissionais pela Deloitte Touche Tohmatsu Limited, pelas suas firmas membro ou pelas suas entidades relacionadas (em conjunto a "Rede Deloitte"). Deve aconselhar-se com um profissional qualificado antes de tomar qualquer decisão que possa afetar as suas finanças ou negócio. Nenhuma entidade da Rede Deloitte pode ser responsabilizada por quaisquer danos ou perdas sofridos por quem haja baseado a sua decisão nesta comunicação.